



Visão	Periodicidade: Semanal	Temática: Agro-alimentar
	Classe: Informação Geral	Dimensão: 402
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
	Tiragem: 122288	Página (s): 92

22-07-2010



SOCIEDADE ALIMENTAÇÃO



GIGANTES Estes dois salmões têm exatamente a mesma idade: o mais pequeno é selvagem, o outro provém de um ovo geneticamente modificado

O salmão revolucionário

O primeiro animal transgénico para consumo humano vai ser aprovado, nos EUA, apesar de toda a contestação

POR PATRÍCIA FONSECA

Há quem defenda o conceito com uma fé inabalável na Ciência, há quem rejeite a ideia de «brincar a Deus» com um convicto *vade retro*. Mas contra este facto não há argumento: a aprovação do primeiro animal transgénico para consumo humano pela FDA, a autoridade americana que regula fármacos e alimentos, representará um marco na história da produção alimentar.

Ok à comercialização de um salmão produzido pela empresa de biotecnologia Aquabounty, com sede no Massachusetts, será anunciado no outono, garante o *New York Times*. A empresa que, há dez anos, tenta obter licença para colocar o peixe Aquadvantage no mercado, confirma que a FDA deu por terminada a análise dos estudos apresentados, aceitando que este salmão é «nutricionalmente equivalent

te aos espécimes selvagens» e que a sua comercialização «não representa um risco para o ambiente». Esta «revolução», que poderá chegar à nossa mesa, mesmo sem o sabermos – os transgénicos não são rotulados –, foi agora aprovada porque a FDA estipulou que se um organismo geneticamente modificado (OGM) não for «substancialmente diferente» de outro «natural», os riscos para a saúde humana serão equivalentes. Esta interpretação é contestada por cientistas de todo o mundo, que alertam para a inexistência de estudos sobre o consumo destes alimentos a longo prazo. Quanto ao impacto ambiental, a Aquabounty assegura não haver risco, pois os ovos comercializados serão apenas de fêmeas estéreis. Susana Fonseca, presidente da Quercus, não fica descansada, lembrando que, nos «milhões de ovos que serão vendidos por ano,

é impossível garantir que são todos fêmeas e que são todos estéreis». A ambientalista cita um estudo da Universidade de Purdue (EUA) no qual se comprova que «a introdução de um único peixe transgénico (macho e fértil) numa população selvagem pode conduzir à sua extinção».

O PERIGO DO 'GENE DA MORTE'

Margarida Silva, que coordena a Plataforma Transgénicos Fora, designa esse inibidor da reprodução como «gene da morte» e não gosta da incerteza do que aí vem: «Se esse gene se espalhar, o que acontece ao equilíbrio do planeta? Estaremos assim tão desesperados, no limiar da sobrevivência, que tenhamos de arriscar tanto?» Se dependesse do Governo, não se arriscaria um milímetro. António Serrano, ministro da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas, entende que «a entrada de OGM diretamente na cadeia alimentar deve ser apenas admitida quando existirem evidências científicas irrefutáveis de que não representam uma ameaça para o equilíbrio dos ecossistemas e para a segurança alimentar».

As empresas que produzem transgénicos argumentam que só assim se combaterá a fome no mundo e a extinção de espécies selvagens. A Aquabounty diz que não há nada de «Frankenstein» neste peixe. Em termos biológicos, «o salmão obtido a partir destes ovos é exatamente igual a outro salmão selvagem», garantem. A diferença é que o Aquadvantage tem «adicionado» o gene de crescimento do salmão-rei, crescendo duas vezes mais depressa, e um gene da *zoarcedae*, uma espécie de enguia, que mantém a produção de hormonas de crescimento a baixas temperaturas. As vantagens económicas são claras para a empresa de biotecnologia e para os donos das aquaculturas – mas para os consumidores, ainda à deriva nestas águas turvas da engenharia genética, é difícil vislumbrar benefícios. ▣

Comeria um peixe transgénico?



'Não comeria, nem recomendaria o consumo'
António Serrano, ministro da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas



'Não teria problema se existissem garantias científicas independentes e rigorosas quanto à sua inocuidade. Infelizmente, está longe de ser o caso'
Susana Fonseca, presidente da Quercus



'Sabendo o que sei, não poderia comer. Estaria a arriscar impactos na minha saúde que desconheço, neste momento'
Margarida Silva, bióloga, coordenadora da Plataforma Transgénicos Fora